****

**Os Cultos Carga do Pacífico do Sul[[1]](#footnote-2)**

Merton brinda-nos com este intrigante ensaio que trata dos cultos carga (ou *cultos à carga*) do Pacífico do Sul e suas aplicações reflexivas em nossa vida.

Antes que entremos em suas ricas reflexões, creio que vale a pena conhecermos melhor tão curioso e inquietante culto, cujo surgimento foi proveniente da relação entre diferentes culturas, sem a devida comunicação entre elas. Como salienta Merton, somando-se às fileiras dos diversos outros autores que abordam este tema, não podemos visualizar culturas mais ou menos desenvolvidas, sendo, no mínimo, inapropriado, hierarquizar evolutivamente os povos envolvidos em tais processos interativos e suas consequências, em que pese as distintas tecnologias por eles utilizadas.

Richard Feynman, um dos destacados estudiosos sobre o tema em tela, ao apresentar as bases de suas reflexões sobre o *culto à carga* em seu discurso em 1974, adaptando-o, posteriormente, em seu livro *Surely You're Joking, Mr. Feynman!*, lembra-nos de diversas “*ideias malucas*” aplicadas no cotidiano, especialmente durante a idade média, até que “*um método foi descoberto para separar as ideias – que era tentar ver se funcionava, e se não funcionasse, eliminá-la. Esse método tornou-se organizado, e se tornou a ciência*”. Entretanto, em certo ponto de sua abordagem, Feynman emerge a realidade de diversas situações que, apesar de muito estudadas e debatidas, pouco ou quase nenhum avanço foi obtido, e, segundo ele, “*ainda assim essa coisas são chamadas de científicas*”, acrescentando, ainda, sua visão de que “*pessoas comuns com senso comum são intimidadas pela pseudociência*” e que deveríamos “*analisar nossas teorias que não funcionam, e a ciência que não é ciência*”.

Traz-nos, então, seu relato sobre o chamado culto à carga (*Cargo Cult Science*), tendo baseado tal expressão em um conceito antropológico que descreve o olhar e a interpretação de culturas vistas como pré-científicas a respeito de hábitos de visitantes “*tecnologicamente sofisticados*”. Em determinado momento, basicamente em sociedades tribais, produtos ou cargas são trazidas pelos meios de transporte comuns aos tais visitantes, mas desconhecidos aos povos nativos que, não compreendendo sua origem, atribuíam sua chegada a causas sobrenaturais. Na tentativa de atrair novas visitas e possíveis “doações”, os nativos passam a desenvolver complexos rituais religiosos e mudanças de hábitos com vistas a espelhar o comportamento dos visitantes, chegando ao ponto de construírem artefatos e estruturas similares àqueles relacionados aos visitantes, na esperança de receberem também a “carga” destas entidades sobrenaturais.

Feynman trabalha com esse exemplo para refletir sobre algumas linhas científicas, pois, segundo ele, em sentido figurado, igualmente aos adeptos do culto à carga que criavam imitações de aeroportos sem que fossem capazes de receber aviões, alguns “*cientistas de culto à carga*” adotam condutas equivocadas de investigação, assemelhando-se, de forma superficial, a métodos científicos, não conseguindo, no entanto, produzir resultados cientificamente úteis.

O fenômeno do culto à carga já foi observado isoladamente em diversas localidades, sendo que o primeiro a ter registro foi o “Movimento Tuka” nas ilhas Fiji em 1885, no auge da era colonial de plantação britânica. Logo no início da era industrial, um navio atracou na ilha e desembargou diversos caixotes que, posteriormente, foram colocados em outros navio. Nenhum tipo de contato foi feito com os nativos e os militares seguiam viagem. A partir daí, os nativos passaram a realizar um ritual onde simulavam o desembarque e embarque dos caixotes, chegando ao ponto de reproduzirem elementos das roupas dos “visitantes” para tais cerimônias. Muitos outros casos isolados do mesmo fenômeno foram sendo identificados, tendo com exemplo próximo, na Amazônia, o registro de fitas cassete esculpidas em madeira por índios, acreditando que por intermédio de tais instrumentos, vozes poderiam ser ouvidas.

Outro destacado exemplo é o dos povos nos Mares do Sul que, durante a guerra, presenciaram aviões aterrissando em campos de pouso improvisados trazendo diversos produtos. Como conseguinte, o povo local passou a querer, após a cessação das entregas, que as mesmas voltassem a ocorrer, levando-os, seguindo seu entendimento, a criar imitação de pista de pouso, a colocar fogos nas laterais do pista, a construir uma aparente cabine de controle feita de madeira, colocando um homem nela sentado, sempre no aguardo da chegada de novos aviões. Fizeram de tudo para parecer como antes, mas nada dos aviões, nenhuma aterrissagem.

Indo mais além, Tiago Azevedo, em seu artigo “Culto à carga: O nascimento das religiões e a psicologia dos mitos”[[2]](#footnote-3), lembra-nos de que os cultos de carga exemplificam a terceira lei de Sir Arthur Charles Clarke, escritor e inventor britânico radicado no Sri Lanka, autor de obras de divulgação científica e de ficção científica, ao dizer que “*qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica*”.

Outros estudiosos, tanto da antropologia como das ciências da religião, abordam o tema do ponto de vista do desenvolvimento de novas práticas cotidianas e religiosas em determinados povos, destacando, em vários casos, o “primitivismo” de tais ações. Trazendo novamente o artigo de Tiago Azevedo, acima citado, onde o autor aborda o que chama de “*fantástico fenômeno do culto às cargas*”, e o inicia com o seguinte diálogo:

Repórter Paul Raffaele: “*John [Frum] prometeu-lhe muita carga há mais de 60 anos atrás, e nenhuma chegou … Por que você ainda acredita nele?*”

Chefe Isaac Wan: “*Vocês cristãos têm estado à espera de Jesus retornar à terra por 2.000 anos e vocês não perderam a esperança.*”

Estaria, o citado diálogo, embasando a importância da manutenção da esperança, ou quase que ridicularizando a fé em Cristo e em seu glorioso retorno?

Em um recente artigo publicado num site anarquista intitulado “O Catolicismo é um Culto à Carga: o Plano Anukkaki de Dominação da Terra”, chegou-se a questionar “*os reais propósitos e o real significado das liturgias religiosas*”, pois, segundo o autor, elas passam “*pelas evidências de que os processos ritualísticos são representações, portanto, são culto à carga*”. Continua, então, o texto trazendo a seguinte afirmativa: “*A partir daí é necessário que os humanos questionem seu real papel ao fazer parte de uma religião assim como o real propósito de qualquer movimento de cultura humana que vise o aprimoramento da ordem e da hierarquia*”.

Pois bem, Thomas Merton, ao abordar o culto acima descrito, não o faz com o objetivo principal de destacar algumas práticas pseudocientíficas, tampouco de focar exclusivamente os povos nativos, cuja “ignorância” sobre as tecnologias utilizadas pelos “visitantes” os levou, quase que ridicularmente, a uma caricatura de procedimentos e hábitos, na crença de poderes provenientes de entidades sobrenaturais. Dessa forma, Merton não se propõe a repudiar os cultos à carga, taxando-os como patéticos ou inúteis. Ele levanta a importante questão sobre alguns de nossos movimentos políticos sociais ocidentais, apontando similitudes aos cultos à carga. E mais, Merton também aponta uma possível clareza maior sobre nós mesmos caso tenhamos melhor compreensão sobre o relacionamento estabelecido em situações que se enquadram como culto à carga, percepção mais importante do que a visão sobre os nativos e suas práticas de ajustes culturais.

Um ponto destacado logo de início pelo autor refere-se à razão dos nativos de desejarem também receber a carga, igualmente como era feito com seus visitantes, já que, até então, essa prática não ocorria com eles. Destaca Merton o que chama de “*readmissão na raça humana*”, ou seja, os nativos consideram-se dignos de serem reconhecidos “*como um igual do homem branco*”. Qual seria a razão da diferença? Por que os visitantes seriam merecedores de tal privilégio e eles não? O que o homem branco teria feito para ser agraciado com a carga? Tomando por base suas observações, os nativos passam, então, a estabelecer cultos, rituais com práticas simbólicas, na expectativa de se relacionarem diretamente com os responsáveis pela carga e, assim, também receberem tal “presente”. Por que não?

Entretanto, associado aos rituais decorrentes do desejo do recebimento da carga, aflora-se a necessária ruptura completa com o passado. Em diversos exemplos, alguns deles citados pelo autor, podemos perceber a prática da destruição das próprias riquezas nativas, tanto culturais como materiais, pois a ligação com o passado poderia interferir negativamente na entrega da carga. A ruptura com o passado e a acolhida esperançosa com a possibilidade de um novo futuro não seria um ato de fé? Sacrificando-se com a perda do que têm, desvinculando-se com as práticas tradicionais, poderia, assim, ser agraciados com a carga, presente do sobrenatural.

Apesar da aparente conduta equivocada, Merton chama-nos a atenção para o não julgamento, para que não critiquemos os nativos ao se jogarem em tal “aventura”, pois, segundo o autor, “*uma verdadeira compreensão da mentalidade carga pode nos dizer muito a respeito de nós mesmos*”, ao carregarmos a ilusão do sempre necessário, sensato e perfeito cientificismo. Eis, para Merton, o nosso grande mito. Apesar de valorizarmos, sobremaneira, tudo o que é científico, vivemos mergulhados em mitos.

Partindo dessa premissa, qual seria a diferença entre os mito da carga para os nativos do Pacífico Sul e a nossa esperança da “*boa vida prometida*” oriunda do modelo ocidental capitalista, estimulando todos ao consumo para a obtenção da felicidade? Novas ideias, novas propostas consumistas surgem a cada momento, estimulando todos a uma ilusória mudança de hábitos, especialmente de consumo, para que possamos atingir o ápice da felicidade, desde de abandonemos nossa prática anterior e nos dediquemos aos “rituais consumistas” de plantão.

Merton afirma, porém, que essa realidade não está ligada somente à práticas consumistas, trazendo como exemplo a situação estabelecida com o revolucionário movimento comunista na China. Tudo de outrora deveria ser abandonado radicalmente e abraçada uma nova vida, novos rituais sociais, para que todos chegassem ao recebimento da carga – uma utópica igualdade social. Bem típico dos movimentos do culto à carga, ou se aceita as obras por inteiro, repudiando o passado, ou possivelmente, a carga não será entregue.

Lembra-nos o autor de que “*o estágio final comum a todos os cultos carga é naturalmente seu colapso*”, vindo o culto abaixo, mais cedo ou mais tarde, pois caso contrário o ocorrido não se corresponderia à um culto à carga. Após o frustrante desmoronamento do culto pela sua não realização, certamente, novos cultos à novas cargas surgem, de forma distinta, mas seguindo o mesmo processo.

Entretanto, Merton nos leva a uma intrigante reflexão: todos nós, sem exceção, vemos na experiência do culto à carga algo “*vitalmente importante*”, todos desejamos passar por essa experiência e o fazemos diversas vezes. Destaca, o autor, a necessidade que temos em nos reajustar constantemente, remodelando-nos, “*juntando de uma nova forma, os símbolos básicos de nosso mito-sonho*”, não importando se é ingênuo, lendário ou mesmo teológico. Destaca, então, o autor, que a verdadeira importância do mito não seria o recebimento da carga em si, mas sim a reunião de uma comunidade. Assim, para ele, os mitos são necessários e inevitáveis.

Todos os excluídos, todos os desfavorecidos, tem o enorme desejo de uma autêntica reciprocidade com os favorecidos com a “carga”, proposta, inclusive, apresentada pelo próprio Cristo Jesus na elevação de todos à alta dignidade e à paz, não à prometida riqueza e felicidade mundanas, mas a plenitude e igualdade decorrentes da essência divina. Porém, infelizmente, nem sempre os exemplos de vida e práticas sociais de seus seguidores apontam à mesma proposta.

Nessa linha, Merton nos inquieta mais ainda, lembrando-nos da nossa parcela mítica, mesmo que racionalmente inconsciente, quando nos relacionamos com o outro. Quando fazemos parte do universo dos excluídos, buscamos o culto à carga para restabelecermos nossa igualdade humana; quando favorecidos, considerando-nos “pessoas de bom coração”, nossas práticas, na busca do outro, são feitas basicamente por condescendência e, no fundo com discriminação, mesmo que de forma inconsciente; quando favorecidos e despreocupados com a condição do próximo, chegamos a nos admirar de nós mesmos pelos nosso feitos vitoriosos e de nossas conquistas. Em todas essas situações, mesmo fazendo parte de comunidades vistas como “favorecidas”, socialmente falando, vivemos e agimos de forma mítica e sempre em busca de alguma “carga”. Os próprios movimentos libertários dos oprimidos sociais, nativos, negros, pobres, e diversos outros, normalmente são inadequadamente vistos, por conta de “*nossa inabilidade para compreender sua mentalidade*” na busca da mobilidade social, resultando em um “*antimito racista*”, em maior ou menor intensidade, que, no fundo, representa o repúdio e o descrédito dos apartados na busca de sua identidade, muito por conta de sua não adaptação ao nosso mito-sonho. É uma dura constatação!!!

O último ponto levantado pelo autor é a intensão de alguns estudos sobre o culto à carga não voltada à curiosidade ou à exótica realidade encontrada, mas sim ao universal problema de comunicação entre os seres, especialmente entre os povos de distintas culturas. Tal comunicação é tremendamente ruidosa, quando ocorre, muito por conta dos “socialmente desenvolvidos” terem uma grande dificuldade de reconhecerem a existência e de entrarem em contato com o que de primitivo e profundo que existe em si, gerando uma atitude alienante e, em muitos casos, quase hostil. Raramente tem sido constatada uma comunicação com base na igualdade moral e na reciprocidade. Pouquíssimas vezes deparamo-nos com relacionamentos entre povos de culturas diferentes nos quais todos acreditam na possibilidade de trocas e ganhos bilaterais. No máximo encontramos posturas piegas de auxílio, muitas das vezes por algum tipo de expiação ou expectativa de ganhos espirituais futuros.

Não posso deixar de findar esta resenha sem deixar *ipsis litteris* uma importante admoestação de Merton a todos nós:

Se o nosso mito-sonho ocidental exige que escravizemos espiritualmente os outros a fim de “salvá-los”, não deveríamos nos surpreender que o mito-sonho deles exija que fiquem completamente livres para se salvarem. Mas ambos os mitos-sonhos, do homem branco e do nativo, são apenas expressões parciais e inadequadas de toda verdade. (...) Os dois precisam um do outro para cooperar no empreendimento comum de construir um mundo adequado para a maturidade histórica do homem.

Um fraterno abraço a todas e todos vocês.

Rev. Frei João Milton.

1. Sétimo e último ensaio da primeira parte do livro *Amor e Vida* de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-2)
2. AZEVEDO, Tiago. Culto à carga: O nascimento das religiões e a psicologia dos mitos. Disponível em <http://psicoativo.com/2016/04/culto-carga-o-nascimento-das-religioes-e-psicologia-dos-mitos. html>. Acessado em out. 2017. [↑](#footnote-ref-3)